

O HAMLET DE ALMEREYDA: A TRADUÇÃO DA VINGANÇA E DA TRAGÉDIA. Luiz Horácio dos Santos Júnior, Cleide Antonia Rapucci. – Letras - Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp - Campus de Assis

Uma das questões sempre discutidas pela imprensa cultural é a adaptação de textos já consagrados como cânones, sobretudo porque faz-se necessário considerar até que ponto é válida a alteração de um clássico literário no propósito de se atingir uma determinada audiência, e quais as questões que permeiam este processo tradutório. A polêmica torna-se maior ainda quando o meio para o qual se realiza a tradução/adaptação é o cinema, este sistema semiótico tão popular em nosso tempo.

Por esta razão, ao longo deste trabalho tomamos como objeto de estudo as traduções cinematográficas realizadas a partir do texto teatral *Hamlet - príncipe da Dinamarca* (1601) de William Shakespeare com o intuito de estudar o processo de transformação de um texto teatral em um texto fílmico, processo este que esbarra em questões culturais, interpretativas e de audiência e que implica numa série de buscas de equivalências que possam suprir as qualidades e restrições dos meios semióticos envolvidos.

Sob este ponto de vista, apresentamos por meio desta análise o estudo e a descrição da tradução cinematográfica da peça shakespeariana realizada por Michael Almereyda em *Hamlet, Vingança e Tragédia* (2000) – a mais recente dentre as setenta traduções já realizadas, que incluem ainda as obras fílmicas: *Hamlet* (1948), *Hamlet* (1990) e *Hamlet* (1996) -, a fim de inventariar e comentar as semelhanças e diferenças apresentadas em relação ao texto de partida quanto ao tratamento dado aos temas loucura (fingida ou verdadeira), incesto, corrupção e o Complexo de Édipo.

No texto fílmico de 2000, a famosa história do príncipe dinamarquês permanece a mesma sendo que o grande diferencial é o fato de termos todo o universo shakespeariano transportado para a Nova Iorque dos dias de hoje em uma sociedade high-tech, na qual a trágica disputa pelo trono torna-se a luta pelas ações de uma grande empresa, a Corporação Dinamarca.

O processo tradutório nesse texto fílmico implica em uma série de buscas de equivalências, mas sem nenhuma sistematização suficientemente satisfatória, pois alguns fatores (como a estrutura, o enredo, as personagens, o ponto de vista, o discurso figurativo, a alegoria, o símbolo e a estrutura temporal) representam áreas convergentes entre literatura e cinema. Por meio da análise de tal processo, depreendeu-se que a obra de Almereyda é uma ótima tradução intersemiótica, não somente quanto à transposição de recursos semióticos, mas também pela metalinguagem existente com o próprio cinema, proporcionada pelo fato de *Hamlet* (Ethan Hawke) ser um cineasta e fazer uso de sua câmera de vídeo como um diário, no qual realiza a maioria dos monólogos.

Em relação à análise dos aspectos estilísticos - que são expressos pela individualidade dos cineastas e da interpretação que eles, como artistas em meio a uma ideologia poética consagrada em determinada época, fazem de um texto - foi notado que o cineasta americano Michael Almereyda mostrou um grande potencial como leitor de Shakespeare em *Hamlet, Vingança e Tragédia*, ao trazer o clássico para a Nova Iorque no ano 2000. Almereyda enxugou o texto original, mas optou por manter a prosódia do século XVII, o que, por um lado, causa um certo estranhamento. Contudo essa é a versão que mais prestigia e dá vazão à externalização dos sentimentos e angústias do jovem príncipe, pois focaliza o protagonista como nenhuma versão anterior fez, ao explorar a personalidade de *Hamlet* através da descrição de seu apartamento e do uso de seu diário em vídeo.

A análise dos aspectos culturais, que se referem à ideologia dominante vigente na época de produção e lançamento de uma obra artística, nos revelou que *Hamlet, Vingança e Tragédia* é um exemplo de tradução que vem corroborar a teoria de André Lefevere sobre o dilema que o tradutor/cineasta possui ao ter que assumir uma postura nada irresoluta, mas pelo contrário, expressamente a favor ou contra a ideologia ou **poética de uma época**¹, pois o filme de Almereyda optou por seguir a poetologia vigente no

¹ André Lefevere refere-se à poética ou poetologia de uma época com a noção de que a arte, de acordo com os artistas do período, deve ser uma expressão unificada e servir para expressar os valores, a sensibilidade e a visão dos mesmos.

final dos anos 90, a chamada **adaptação atemporal**, que consiste em transportar uma história para qualquer época, desde que se mantenham as idéias centrais da trama. Na tentativa de adequar o seu *Hamlet* a uma nova audiência, Almereyda reduziu o texto para menos da metade, manteve o uso do Inglês Arcaico e ainda trouxe o clássico para a atualidade.

E a respeito do tratamento dado pelo filme/tradução às imagens dominantes da peça, observou-se que a loucura fingida é representada, como estratégia, por Hamlet em seu sofrimento na eterna busca pela verdade acerca do assassinato de seu pai. O filme apresenta o Hamlet (Ethan Hawke) mais melancólico, atordoado e jovem da história da tradução da peça para o cinema. Sua paranóia se acentua ainda mais pela presença de câmeras espalhadas por toda a empresa. Já a loucura verdadeira é a que assola Ofélia. No filme, ela (Julia Stiles) se apresenta totalmente submissa aos homens - Polônio (pai), Laertes (irmão) e Hamlet (namorado) -, e um tanto depressiva. Possui poucas falas e se torna mais expressiva em seus momentos de loucura. Quanto ao incesto, esta imagem ganha uma certa importância na medida do possível no filme, pois em pleno ano 2000 e sem a presença do poder soberano dos dogmas da Igreja (fortemente exercido durante a Idade Média, época na qual a ambientação do texto original de Shakespeare ocorre), o incesto não causa tanto impacto, pois o fato da primeira dama se casar com o cunhado, após a morte do marido, não representa algo tão inadmissível visto aos olhos da atualidade. Contudo, os maiores agravantes, em si, são o regicídio e a traição, e não o relacionamento dos ex-cunhados, que no filme usam roupas somente em tons de cinza. A cor pode ter sido usada para representar uma possível neutralidade desta imagem dominante na construção do filme, já que o incesto é visto como pecaminoso apenas por Hamlet; ou mesmo para simbolizar a podridão que toma conta da Dinamarca, pois o casal presidencial é o foco de toda a rede de intrigas e tragédias que viriam a ocorrer. Sobre a corrupção, observou-se que ela é conotada pela presença de espelhos por toda a parte, (seja por espelhos de verdade, espelhos d'água, ou mesmo pelos vidros espelhados da Corporação Dinamarca) que desempenham um grande papel, pois servem como refletores da refração de conduta das personagens. A transparência dos vidros também conota que não há como esconder os fatos, pois tudo pode ser visto. E a falta de privacidade aumenta com a presença do circuito interno de câmeras da Corporação. E a respeito do Complexo de Édipo continua válida a clássica interpretação freudiana da trama que diz que *Hamlet* tem suas raízes no mesmo solo de *Édipo - Rei* de Sófocles. Freud acredita que a hesitação de Hamlet em realizar a tarefa de que fora incumbido pelo fantasma se deveu à natureza da tarefa mesma, já que seria necessário vingar o pai, matando seu assassino – o cunhado que lhe ficara com a coroa e com a rainha. Porém, este homem que matou seu pai e se casou com sua mãe reflete os impulsos infantis do próprio Hamlet e faz com que ele não possa prosseguir com a vingança. A identificação com o tio é, pois, o que impede o príncipe de o matar. No filme, temos um Hamlet edipiano e culpado a tal ponto que chega a realizar um vídeo, *A Ratoeira*, no qual aborda a sua relação familiar: sua relação com o pai, com o tio e, sobretudo, com a mãe.

Concluindo, a análise da tradução cinematográfica do texto teatral de Shakespeare realizada por Michael Almereyda em *Hamlet, Vingança e Tragédia* (2000) nos mostra que este filme é um forte exemplo de que o principal elemento a ser transposto de um código semiótico para outro é, sem dúvida, a cultura em todos os seus aspectos (tempo, espaço físico, história, correntes artísticas, audiência...); além de elucidar o desafio enfrentado pelo leitor/cineasta ao traduzir uma tragédia shakespeariana lidando com aspectos tradutórios problemáticos (como as imagens dominantes da peça), ficando, muitas vezes, à mercê da crítica.

Em função disso, este trabalho pretende colaborar com o estudo do processo tradutório entre meios tão simbióticos, como a literatura e o cinema. No mais, o resto é silêncio!!!

Referências

CECCANTINI, João Luís C.T. A Adaptação dos clássicos. *Proleitura*. Assis, p. 06-67, ano 4, n.13, abril 1997.

CIEOELAK, Magdalena. Michael Almereyda's Hamlet – an attempt at Hamlet. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: NUT, 2001, v. 1, n. 7, p. 109-126.

CURSO 21L.435 *Shakespeare, Filme e Mídia*. MIT – Massachusetts Institute of Technology. Tradução Cleide Antonia Rapucci. Disponível em: <<http://www.universiabrasil.com.br/mit/curso.jsp?codcurso=1>>. Acesso em: 10 fevereiro 2004.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. *Apresentação*. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/download/7/pdf/Apresentacao_Cadernos7.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2006.

_____. *Literatura e Cinema: da semiótica à tradução cultural*. Belo Horizonte: O Lutador, 2003.

FARIA, Maria Alice. Do romance para o filme: o quente e o frio. *Proleitura*. Assis, p. 10-11, ano 4, n. 13, abril 1997.

FILMES: *Lista Completa*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes.hamlet-2000/hamlet-2000.htm>>. Acesso em: 10 fevereiro 2004.

GIANNINI, Alessandro. *Crítica do filme*. Disponível em: <http://epipoca.cidadeinternet.com.br/filmes_critica.cfm?id=1371>. Acesso em: 23 de junho de 2005.

HAMLET, VINGANÇA E TRAGÉDIA. Direção: Michael Almereyda. Produção: Andrew Fierberg e Amy Hobby. Interpretes: Ethan Hawke, Kyle MacLachlan, Sam Shepard, Diane Venora, Bill Murray, Liev Schreiber, Julia Stiles e outros. Roteiro: Michael Almereyda. Double A Films, 2000. DVD (113 min), DVD, son. , Color.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Estudos).

JONES, Ernest. *Hamlet e o complexo de Édipo*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

KIPP, Jeremiah. Michael Almereyda. Disponível em: <<http://www.sensesofcinema.com/contents/directors/03/almereyda.html>>. Acesso em: 10 de junho de 2006.

NUNES, E. P. ; NUNES, C. H. P. *Freud e Shakespeare*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1989. (Analytica).

PESQUISA *Vídeo em geral (VHS ou DVD): Shakespeare*. Disponível em : <<http://www.videobook.com.br/achei.htm>>. Acesso em: 10 fevereiro 2004.

PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, CNPQ, 1987.

SHAKESPEARE, William. *Contos de Shakespeare*. Recontado em português por Paulo Mendes Campos; ilustrações Lee. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. *Hamlet*. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Col. A obra-prima de cada autor, 39).

Bolsa: PIBIC/CNPQ